

RESENHA DE DISSERTAÇÃO

“HOMEM NÃO FALA SOBRE VIDA SEXUAL!”: INICIAÇÕES, VIOLÊNCIAS E OUTROS APONTAMENTOS MASCULINOS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE

André Henrique dos Santos Francisco¹

QUEIROZ, Thuani Coutinho Gomes de. “*Homem não fala sobre vida sexual!*”: iniciações, violências e outros apontamentos masculinos sobre sexo e sexualidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

Thuani Coutinho Gomes de Queiroz tem acompanhado há algum tempo questões relativas ao assédio e à violência sexuais, abordando temáticas de corpo e gênero nesse processo. A dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF) dá continuidade aos seus estudos sobre os temas supracitados, chamando atenção para a construção de masculinidades e de como esses processos são permeados e estão constantemente entremeados por uma lógica que compreende diversas violências.

Sobre o trabalho de pesquisa, a autora diz que há alguns anos ministra palestras sobre violência sexual em escolas e, numa certa ocasião, em conversa com outros palestrantes, ela notou que sempre que se falava de abuso sexual em palestras e apresentações. As intervenções dos presentes associavam o elemento masculino ao lugar de abusador, de causador ou perpetrador da violência. A partir disso, surgiu seu interesse em pesquisar sobre abuso sexual masculino:

“me interessava compreender o porquê da relativa falta de informações e interesse dos pesquisadores a esse respeito, assim como entender porque parecia ser tão difícil para as pessoas com quem interagia enxergar os homens numa eventual posição de vítima”. (QUEIROZ, 2020, p. 102).

Dado este pontapé inicial, Thuani começou a procurar por interlocutores que estivessem dispostos a falar sobre suas experiências. E o próprio título da dissertação já nos informa algo que a pesquisadora aponta algumas vezes em seu texto: a dificuldade de encontrar homens que estivessem realmente dispostos a falar de forma aberta e honesta sobre suas experiências sexuais. Os homens são incentivados a guardar para si determinadas experiências: por um lado, se gabar de uma experiência boa pode gerar

fama de exibido; por outro, compartilhar uma experiência ruim pode colocar em dúvida sua masculinidade.

Do ponto de vista individual, muitos se recusam a falar de certas intimidades até mesmo com amigos, porque “homem não fala sobre vida sexual”. Mas quando o assunto é “putaria”, a coisa muda de figura: saindo do âmbito da experiência pessoal e, ao passar para uma esfera mais ampla, é permissível tocar em certos assuntos e tocar em certas intimidades. Assim, Thuani conseguiu entrevistar sete homens que romperam uma barreira de silêncio e, em dados momentos, abriram sua intimidade sob a tutela da “sacanagem”.

Ela, então, nos convida a compreender um pouco mais sobre a pluralidade de experiências sexuais masculinas, sejam elas classificadas como positivas ou negativas. Já nos primeiros capítulos, ela desenvolve uma reflexão sobre a noção de masculinidade(s) e dos elementos que a constituem: virilidade, honra, vergonha e dominação masculina.

Thuani segue a linha dos estudos de gênero contemporâneos ao adotar a tendência de apontar gênero e sexualidade como processos de aprendizado e de construção, de ordem relacional e situacional. Assim, trata da construção da masculinidade com um processo de soma de práticas cotidianas, socialização, orientação sexual, entre outros fatores, que fazem com que as identidades masculinas sejam plurais, tornando possível a identificação de semelhanças e diferenças entre elas.

Em sua argumentação, aponta que há diversas masculinidades em contato (e, em dados momentos, em disputa) e que há, portanto, masculinidades tidas como hegemônicas e subalternas. E que, assim como há um aspecto de dominação do masculino sobre o feminino dentro de nossas sociedades predominantemente patriarcais, há também uma constante inferiorização de certos grupos de homens que não são reconhecidos sob o âmbito de masculinidades hegemônicas.

¹ Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: andreh77@gmail.com

Ora, desde a infância, impõem-se diversas expectativas sociais a respeito do comportamento considerado apropriado para homens e mulheres. Isto reforça o papel de dominação de um determinado tipo de homem sobre mulheres e outros homens. O reforço do papel masculino (hegemônico) perpassa por negar(-se) a estar num papel inferior(izado), passivo, dominado. Como aponta a autora, essa aprendizagem do ser homem se faz no sofrimento, no silenciamento de suas experiências,

“sentimentos, dúvidas e questionamentos em relação aos quais, muitas vezes, não tiveram com quem dividir ou a quem recorrer pra sanar [...]. Considerando-se as pressões sofridas para ‘aprender a ser homem’, [...] supressão de sentimentos, o silenciamento dos sofrimentos, os incômodos vividos por alguns deles figuraram como parte constitutiva do complexo processo de ‘tornar-se homem’”. (QUEIROZ, 2020, p. 72).

Embora tente não generalizar, Thuani deixa claro o quanto a violência faz parte da constituição de identidades masculinas. Violências que não são percebidas como violências, desde as pequenas, como a constante repressão de seus sentimentos, até as violências que são experimentadas no âmbito da sexualidade.

A literatura utilizada pela autora é bastante variada, uma marca interessante da Antropologia contemporânea, que busca inspiração na multidisciplinaridade. O repertório de Thuani não apenas dialoga com outras disciplinas, tais como Sociologia e Psicologia e mesmo o Direito: ela também busca uma interseção entre obras e autores clássicos e novos olhares.

Partindo desse arcabouço teórico, e embasada nas entrevistas, Thuani apresenta os diferentes modos como os entrevistados classificam suas experiências sexuais, considerando o aprendizado sobre sexo e sexualidade e os limites do próprio corpo e do corpo do outro. Cabe destacar que a autora não se furta da reflexão de que seu trabalho se baseia em narrativas impregnadas de representações de seus interlocutores sobre suas próprias experiências de vida e que esta é a perspectiva que embasa sua análise, e não algo de nível macro e, consequentemente, generalizável.

Nos capítulos 3 e 4, a autora nos apresenta narrativas e análises sobre as experiências marcantes dos seus entrevistados. Em suas entrevistas, o trabalho de pesquisa foi norteador por perguntas como “o que é (ter uma) experiência sexual para você”, “quais os limites do seu corpo e do corpo do outro” ou ainda “quando é que um indivíduo começa a aprender sobre sexualidade e/ou sexo”.

As experiências sexuais de cada um funcionariam como ritos, que parecem ter peso determinante no reconhecimento de um indivíduo como homem por parte – sobretudo – de outros homens. Partindo dessa base, a pesquisadora pode elaborar análises interessantes sobre a construção de masculinidades e o impacto da vida sexual,

a partir dos relatos de experiências como os jogos eróticos da infância e adolescência, a perda da virgindade, a pressão social que incide sobre o indivíduo, o trauma de “falhar na hora h” e a percepção de cada um deles sobre assédio, violência e/ou estupro.

Como ela aponta,

“cabe salientar, logo de início, que essas experiências variam também em termos de intensidade. Ouvindo cada interlocutor, entendi que determinadas experiências lhes foram incômodas, outras trouxeram frustração, algumas trouxeram tristeza e/ou raiva, havendo ainda as que trouxeram trauma”. (QUEIROZ, 2020, p. 83).

Assim Thuani aponta que, para uma experiência sexual ser interpretada como negativa, esta deve estar ligada direta ou indiretamente a um ferimento da masculinidade, um abalo da virilidade e/o da honra. E, pelos relatos, essa noção está muito ligada a uma noção de que homens sempre devem gostar de (fazer) sexo e do papel que desempenham em suas relações (como ativos/dominadores ou passivos/dominados). Essa questão de dominação até perpassa pela penetração, mas não tem necessariamente que estar ligada a ela: a perda do controle sobre a experiência sexual vivida e sobre seu corpo é uma questão cara à masculinidade hegemônica.

De acordo com a autora:

“é importante para os homens que, dentro do exercício de sua masculinidade, eles tenham o controle sobre seus corpos, seus desejos e vontades, principalmente sexuais. Quando isso é tirado deles, ou mesmo apenas ameaçado, produz-se a iminência do perigo e, consequentemente, a classificação da experiência como negativa, incômoda ou traumática”. (QUEIROZ, 2020, p. 106).

O consentimento é algo que perpassa todos os relatos, e Thuani aponta sua importância porque esse consentimento é garantia do exercício do controle do próprio corpo, de não se submeter à dominação de outro homem. No entanto, a lógica do machismo e da dominação masculina faz perceber – à autora, sobretudo, pelas falas de seus entrevistados – que a própria noção do que é violência ou abuso sexual vai variar de contexto para contexto, de homem para homem, de acordo com a masculinidade que cada um performa. “Acessar os significados de diferentes experiências sexuais para os interlocutores da pesquisa colocou em evidência o processo pedagógico pelo qual os meninos passam ao descobrir e compreender o que é sexualidade, e de como deve ser a performance de um homem”. (QUEIROZ, 2020, p. 102).

É dessa forma que, por conta da compreensão largamente difundida de que quem penetra é ativo e quem é penetrado é passivo, que as ideias de abuso sexual e de estupro só vão surgir nas narrativas a partir da lógica

da penetração. A partir disso é que vem a grande sacada de Thuani nesse trabalho, ao apontar que as experiências sexuais que alguns interlocutores tiveram com mulheres mais velhas, ainda na infância, não foram lidas como assédio ou violência, mas sim como iniciação precoce da vida sexual.

“Já nessas experiências é possível identificar os aspectos que serão tidos como fundamentais na construção da reputação, da virilidade e consequentemente, de sua masculinidade. Assim, um menino que tem seu pênis estimulado pela babá, por exemplo, incorporará a experiência em sua trajetória de vida enquanto um reforço positivo, posto que isso o deixaria mais próximo de um determinado ideal de masculinidade”. (QUEIROZ, 2020, p. 105).

A passo que se o mesmo estímulo fosse executado por outro homem, a ideia de assédio e violência se tornaria mais clara.

Assim, a pesquisadora fala em violências: não existe apenas um tipo, mas sim vários. E, neste trabalho, levando em consideração as experiências dos próprios interlocutores diretos ou indiretos, o entendimento de violência sexual envolve a penetração anal, oral, ou qualquer outro tipo de prática sexual ou sodomização não consentida por alguma das partes envolvidas. Assim, firma-se o entendimento do caráter plural da violência, posto que as classificações feitas sobre ela podem variar contextual, cultural e historicamente.

Talvez essa compreensão dos interlocutores das noções como assédio, estupro e violência estejam presentes (de forma semelhante) nas falas e relatos de vários outros homens, já que essas noções perpassam por esse silenciamento, por não falar e não elaborar em cima das próprias experiências.

A dissertação de Thuani se apresenta como uma leitura muito agradável, mas não se enganem: é muito rica em diálogos, percepções, análises e proposições que certamente abrem espaço para mais perguntas e mais entendimentos sobre a construção de masculinidades e as violências que perpassam, atravessam e mesmo constituem esse processo de construção. E espero que, com essa leitura, abram-se mais caminhos que possam — e devam — ser trilhados.